

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 11 DE JUNHO DE 1996

Agradeço muito a visita dos senhores aqui. Efetivamente, a agenda, nestes últimos tempos, tem sido bastante agitada, por isso eu me desculpo de não ter podido recebê-los de maneira mais extensa; mas, pelo menos, ofereço um aperto de mão e um agradecimento, de viva voz, pelo que têm feito.

Agradeço as palavras de entusiasmo e de encorajamento que foram proferidas pelos representantes da seção brasileira e da seção americana. Não tenho nenhuma dúvida quanto ao rumo do nosso país, quanto ao fato de que o Brasil, hoje, dispõe das melhores condições para fazer as transformações que são necessárias.

Isso não é em função só do Governo, é em função do próprio país, da própria sociedade brasileira, que já está num processo de franca transformação. Pode demorar um pouco mais do que a gente gostaria, numa medida ou noutra – é preciso ter persistência e paciência –, isso é normal. E nós temos aliados fortes. O Dr. Sá mencionou o Presidente da Câmara, que, realmente, tem sido um aliado constante nesse processo de transformações que nós estamos provocando no Congresso.

Talvez nós tenhamos pedido ao Congresso demasiadas mudanças em pouco tempo. É preciso que o Congresso absorva muitas dessas mudanças, que ele medite. Nós vivemos numa democracia, e isso é um fato fundamental, até para o nosso futuro. Então, nós temos que conviver, também, com a necessidade de convencimento, de discrepância e de negociação, desde que esta seja feita abertamente.

Mas, com essas ressalvas, que não são propriamente ressalvas, são motivos até mesmo de confiança, eu diria que nós vamos continuar avançando nas transformações do nosso país. Nós temos, como objetivo, evidentemente, como pré-condição, mais do que como objetivo, a estabilização da moeda. E isso está alcançado – está alcançado e não significa dizer que nós não tenhamos que nos preocupar com os passos para a continuidade dessa estabilização, mas nós, hoje, dispomos de muito mais recursos para mantermos a inflação sob controle. E estamos, progressivamente, baixando as taxas de juros, porque também é necessário, mas estamos fazendo-o com a cautela que se impõe, para evitar que haja novos atropelos.

O pior que pode acontecer para um país como o Brasil é voltar aos *ups and downs*. Não interessa esse ziguezague de crescimento e depressão. Nós queremos criar condições para um crescimento sustentado estável, razão pela qual, na metade do ano passado, freamos o crescimento, para podermos, realmente, divisar um horizonte mais conseqüente para os nossos objetivos.

Agora, nós já começamos, outra vez, a afrouxar certos controles monetários, e temos certeza de que vai haver uma recuperação da atividade industrial. Durante o decorrer deste ano, é provável que o pique cresça ao redor de 4%. Isso, para um país como o Brasil, não é suficiente, mas é um bom sinal, sinal de que, com toda a estabilização, nós conseguimos manter uma atividade econômica relativamente constante, numa faixa de ascensão, para podermos, nos próximos dois anos, assegurar taxas, então, mais condizentes, sobretudo com a necessidade de oferecimento de emprego.

Apraz-me, também, dizer que nunca houve, na história do Brasil, tanto investimento direto de capital estrangeiro como agora. Real-

mente, nesses primeiros cinco meses, os dados – publicados hoje – são extraordinariamente fecundos quanto ao investimento direto estrangeiro no Brasil. Nossas reservas, os senhores sabem, já chegam perto dos 60 bilhões de dólares. Mas o que é mais interessante é que elas estão cada vez mais consistentes, ou seja, a parte de capital de curto prazo é proporcionalmente decrescente, em função da expansão da parte de capital que vem para ficar, capital de mais longo prazo.

Então, há muitos sinais positivos. Nós estamos continuando no processo de abertura da economia. Isso levou a uma queda de preços aqui dentro e, também, ao aumento da produtividade, que, por sorte, tem crescido vigorosamente. Vamos ter uma política mais ativa, de apoio às exportações, porque vamos precisar disso. Nós estamos ultimando decisões no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, para que tenhamos capacidade de oferecer seguro e financiamento às exportações.

Em certos setores que sofreram com essa readaptação da economia brasileira já há ações diretas, pontuais, como em têxteis e calçados. Temos que nos preocupar com a indústria de bens de capital. Mas, no conjunto, eu creio que o rumo definido continua sendo sustentado. E eu só tenho, portanto, razões para ter otimismo, como tenho. Mas esse otimismo tem que estar baseado, precisamente, na ação dos senhores, na ação de gente que se dispõe a confiar, que se dispõe a continuar trabalhando junto. Então, eu agradeço muito essa prova de apoio.

Muito obrigado aos senhores.

